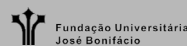


# OIKOS $\sigma$

Revista de economia heterodoxa  
nº 8, ano VI • 2007  
ISSN 1808-0235



Fundação Universitária  
José Bonifácio



CCJE/UFRJ



patrocínio



## Friedrich List

### Nota introdutória

**RAPHAEL PADULA** | padula.raphael@gmail.com

Mestre e Doutorando em Engenharia de Produção pela COPPE-UFRJ.  
Economista pelo IE-UFRJ.

O economista político alemão George Friedrich List (1789-1846) é um dos mais importantes economistas não ensinados nas escolas de Economia atualmente – e as suas cartas inéditas aqui publicadas podem dar boas pistas sobre o motivo de tal ausência. Conforme Cristovam Buarque afirma no Prefácio da edição em português da principal obra de List, *Sistema Nacional de Economia Política* de 1841<sup>1</sup>:

*Raros dos grandes economistas foram homens de ação com uma vida militante e intensa de negócios pelo mundo. A grande maioria limitou a vida às atividades do pensamento. Dentre estes, poucos foram os que tiveram uma real capacidade criadora através do uso da imaginação, rompendo as formas tradicionais de pensar a Economia. (...) Entre todos, porém, List foi daqueles que conseguiu levar ao maior*

<sup>1</sup> List, Friedrich (1841). *Sistema Nacional de Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, pp.vii-viii. Série: *Os Economistas*. List levou três anos para escrever esta obra, na França, originalmente intitulada *Sistema Nacional de Economia Política: Comércio Internacional, Política Comercial e a União Aduaneira Germânica*.

*nível possível as duas aventuras: de pensar e de agir. Sua vida e obra se interagem em proposições revolucionárias na forma de entender e de agir na Economia; em uma ação constante em diferentes setores e países (...).*

List se destaca pelo seu rompimento com a forma dominante de pensar Economia em sua época, que era tida como uma verdade universal e inviolável, seguida e defendida por políticos, professores, autoridades científicas, burocratas, escritores, jornalistas, homens cultos, em toda parte, especialmente na sua Alemanha. Tal pensamento dominante era baseado na interpretação liberal (de não intervencionismo estatal e livre-comércio) da teoria de Adam Smith – comumente designada por “Antiga Escola Colonial” ou “Sistema Britânico” de livre-comércio. Para romper com esse paradigma, List mostra criatividade, ousadia, conexão direta com a realidade e, sobretudo, capacidade de ação. Segundo ele, era óbvio que “a batalha estava sendo travada com armas desiguais”, pois todos tinham aprendido Economia Política através do pensamento dominante, e a Inglaterra trabalhava para influenciar a opinião pública no exterior e defender seus interesses propagando tal teoria.<sup>2</sup> Por isso, List foi empresário, burocrata, professor, agitador político, jornalista, organizador de periódicos e panfletos, promotor de tecnologias. Este também foi o motivo pelo qual List passou uma época marcante para sua vida e obra nos Estados Unidos, onde escreveu as cartas aqui publicadas.

List viveu entre a Primeira e a Segunda Revolução Industrial, um período em que as manufaturas e as máquinas ascendiam crescentemente em importância para o desenvolvimento nacional e para a vida cotidiana. Foi uma época de nacionalismo e ascensão de grandes potências, onde a Inglaterra se destacava como nação mais desenvolvida e líder no sistema internacional. Sua Alemanha se encontrava fragmentada politicamente em diversos estados. No campo econômico, List foi influenciado por pensadores como Antonio Serra, James Stuart e pelo “Sistema Americano” de Economia Política – nome com que se designavam os protecionistas e industrialistas estadunidenses, em oposição ao “Sistema Britânico”.<sup>3</sup>

2 Conforme assinala no Prefácio de sua principal obra: “Já que, em meu entender, as opiniões que refuto são prejudiciais ao bem público, é necessário combatê-las com energia. Autores de renome causam muito mais dano com seus erros do que autores de menor reputação, devendo, portanto, ser refutados com termos mais energéticos. (...) Não adotei o método – hoje dominante – de citar uma multidão de autores e textos. (...) estou humildemente convencido de que muitas falhas poderão ser encontradas na minha obra; direi mais: eu mesmo poderia eventualmente escrever hoje uma obra muito mais perfeita (...). Mas a única coisa que me estimula e encoraja é o pensamento de que os leitores encontrarão em meu livro muita coisa nova e verdadeira, e também alguma coisa que poderá servir particularmente em benefício da minha pátria alemã.”

3 List, em sua principal obra (Cap.XXIX), referiu-se ao erro de Smith ao chamar de “Escola Mercantil” o que denominou como “Sistema Industrial”, compreendendo o seu caráter produtivista, destacando Sir James Stuart entre seus principais autores

Em sua obra, List pensou como economias atrasadas, como a sua Alemanha (fragmentada e subdesenvolvida) e os Estados Unidos, poderiam superar sua condição de atraso e emparelhar com as nações mais desenvolvidas, a Inglaterra de sua época, em questões de poder e riqueza – fatores que para ele eram indissociáveis – diante do cenário interno e externo. Nesta época, os Estados Unidos estavam em pleno processo de desenvolvimento e caminhavam para se firmar como nação moderna. Em sua passagem pelo país, cuja origem está no seu exílio político da Alemanha por defender intensamente a indústria e a moralização administrativa, List conheceu o sistema americano, foi apresentado às mais altas autoridades do país – como Henry Clay e Thomas Jefferson – e teve contato com o *Relatório sobre as Manufaturas* de Alexander Hamilton (primeiro Secretário de Tesouro dos Estados Unidos), de 1791, que veio a influenciar amplamente suas idéias e onde o argumento de proteção à “indústria nascente”, que viria a marcar sua obra e militância, estava presente. Ao conhecer os Estados Unidos, como o próprio List afirma no prefácio de sua principal obra, notou que seus conhecimentos anteriores e livros não serviriam de nada: “só tenderiam a desencaminhar-me da via certa. A melhor obra sobre Economia Política que se possa ler naquele país moderno é a vida real. (...) Esse livro da vida real, estudei-o com seriedade e diligência, comparando com meus estudos, experiências e reflexões anteriores (...)”

Em 1827, Charles Ingersoll, Vice-Presidente da “Sociedade da Filadélfia para a Promoção da Indústria Nacional”, encomendou a List a elaboração de um documento de defesa do protecionismo industrial a ser apresentado na Convenção Nacional dos Protecionistas, que originou suas “doze cartas” publicadas no jornal *National Gazette* da Filadélfia, um dos mais importantes jornais do país, sob recomendação de Ingersoll. Estas cartas foram a base do que List chamou de “seu sistema”, publicado posteriormente como um livro sob o título de *Outlines of American Political Economy* (Contornos da Economia Política Americana).<sup>4</sup> Em seu conteúdo está a essência de seu pensamento e de sua principal obra de 1841, o *Sistema Nacional de Economia Política*. As doze cartas nunca foram publicadas em português, e as duas primeiras são reproduzidas a seguir.<sup>5</sup> No livro, elas se encontram intituladas, respectivamente: O

ingleses. No capítulo anterior (XXVIII) da mesma obra, chamado Economistas Nacionais da Itália, refere-se às importantes obras de Antonio Serra, para ele o autor da primeira obra de Economia Política, e a N. Maquiavel, propondo a unificação italiana.

4 Referido no original como *Outlines of American Political Economy in Twelve Letters to Charles J. Ingersoll* – Contornos da Economia Política Americana em Doze Cartas a Charles J. Ingersoll – mas posteriormente conhecido pelo nome mais curto.

5 O livro será editado em português em breve pelo MSIA (Movimento de Solidariedade Ibero-Americano), que gentilmente nos cedeu a versão original em inglês para que a publicássemos.

*Equívoco Fundamental na Teoria do Livre Comércio e As Diferenças entre o Sistema Britânico e o Sistema Americano.*

O ponto central da obra de List é a questão da nação e da nacionalidade como (objetos) fundamentais para a análise do desenvolvimento, poder e da riqueza. Conforme fica claro nas cartas a seguir, List contrapõe a necessidade do estudo da “Economia Nacional” ao que chamou de “economia individual” e “economia cosmopolítica”, baseadas nas idéias de paz universal, “mão invisível” e livre-comércio entre as nações, derivadas da obra de Smith, ignorando questões de poder, guerras e interesses nacionais. Em algumas de suas cartas, List chama a atenção para a deturpação do objeto de estudo da Economia, como Economia Política, que para ele é o estudo de como a Economia Nacional aumenta seu poder e sua riqueza, e prevê que isto levaria à emergência futura de outro nome, que ele especulou que seria “Economia Cosmopolítica”, separando a economia da política e suplantando a “Economia Política”. Sem dúvida, neste ponto ele foi profético, visto que gradativamente o termo Economia Política deixou de figurar inclusive nos títulos das obras e o estudo da economia nacional deixou de ser o objeto principal, dando lugar ao que atualmente é chamado *Economics*. A partir disso, List prega a necessidade do ensino de uma teoria alternativa à dominante nas universidades, contra a ocupação de espaços da teoria tradicional. Nos Estados Unidos, pregou o ensino do “Sistema Americano”, conforme a Carta 1, aqui resgatada, denota.<sup>6</sup>

Para List, era de fundamental importância o papel do Estado como indutor e planejador de desenvolvimento e seu poder interno e externo para levar isto adiante, em face de diferentes interesses. De forma pioneira e profética, List foi o grande promotor da então revolucionária idéia do *Zollverein*, união aduaneira entre os estados alemães, eliminando tarifas entre os estados da Alemanha e criando uma tarifa externa comum para o comércio, como base para a formação política da nação alemã. List pregava a unidade nacional alemã por questões de poder interno e externo, e para promover a indústria e um amplo mercado interno, ligado por um amplo sistema de infra-estrutura cruzando todo o território. Indo além, List previu que o destino inevitável da Europa seria se unificar pelos mesmos motivos e para defrontar o poder da Inglaterra – o qual chamou de “poder insular”.

List percebeu as ações da Inglaterra, firmando acordos de livre-comércio com os demais países, e suas conseqüências danosas para a indústria e desenvolvimento destes últimos, ao concorrer livremente com os manufaturados britânicos. Enquanto

a primeira objetivava se tornar a fábrica do mundo, induzia outros países à produção primária. Neste sentido, List reconhecia Smith como um nacionalista britânico. List foi um ferrenho nacionalista alemão, lutou pelos interesses nacionais e em prol da liberdade e do desenvolvimento das nações como forma de produzir uma humanidade livre.

List olha para a história do desenvolvimento das nações, de onde auffer lições, a partir de experiências bem-sucedidas ou não, e dedicou a primeira parte de sua principal obra a isso, fundando o que chamou método histórico. Buscou, assim, criar uma teoria a partir da realidade, e não criar uma realidade (modelo) que se encaixasse em sua teoria.

Na Carta 2, encontra-se a essência de sua forma dinâmica de pensar o desenvolvimento nacional, diferenciada para cada nação específica e para cada estágio de desenvolvimento, que fundamentou o seu combate ao princípio da “mão invisível” e sua dúvida à validade universal do livre comércio difundida a partir da interpretação da “teoria das vantagens absolutas” de Smith. Sua teoria é baseada em vantagens dinâmicas (futuras), que podem ser criadas mediante políticas adequadas, e na importância da indústria alavancando o desenvolvimento das forças produtivas nacionais. Para List, cada estágio de desenvolvimento demandava políticas e proteções diferenciadas. Somente em uma nação em um estágio muito inicial (barbárie), ou com alto grau de desenvolvimento, o livre-comércio seria benéfico. Para nações em processo de desenvolvimento, o protecionismo seria benéfico para o sistema econômico como um todo, para as forças produtivas e para o poder da nação. List defendia a proteção à “indústria nascente” e aos setores estratégicos, dos quais o Estado não poderia deixar de cuidar por questões de interesse nacional. Por isso, em sua principal obra, ao estudar a história do desenvolvimento da Inglaterra e mostrar que esta usou amplamente o intervencionismo estatal e o protecionismo em seu processo de desenvolvimento manufatureiro e nacional, List afirma que este país, ao pregar o livre comércio, está “chutando a escada” por onde subiu.<sup>7</sup> Ainda sendo profético, List afirmou em sua principal obra que os Estados Unidos seriam uma grande nação desenvolvida e então poderiam, e iriam, “chutar a escada”, pregando o livre-comércio.

Na Carta 2, List mostra sua visão sistêmica e orgânica de economia nacional, atentando para as conexões entre agricultura, indústria e comércio, relacionando-se de forma sinérgica e recíproca, harmoniosa e equilibrada, criando um importante

6 Seu primeiro trabalho sobre este tema, na Alemanha, lhe rendeu uma cadeira de administração pública, criada pelas autoridades educacionais para contratar List como professor.

7 Esta expressão foi recuperada recentemente por um de seus seguidores, o economista coreano Ha-Joon Chang, em seu livro *Kicking away the ladder*, publicado em português como *Chutando a escada*, pela Editora UNESP.

mercado interno ligado por um amplo sistema de infra-estrutura. Na sua visão, isto era fundamental para o desenvolvimento sistêmico e para os poderes produtivos e políticos da nação – para construir uma nação independente politicamente, economicamente e tecnologicamente. Dentro desta concepção, ele observou a importância da relação entre diferentes setores da economia, assim como a relação entre forças materiais e não materiais. É importante ressaltar que nas doze cartas List usa pela primeira vez o termo *productive powers*, fundamental para sua obra.<sup>8</sup> Em sua principal obra, *Sistema Nacional de Economia Política*, define as *forças produtivas* da Nação como: “a harmonia do conjunto de leis e instituições; poder político nacional; segurança nacional e ordem pública; forças morais e intelectuais; cooperação harmônica entre indústria, comércio e agricultura; infra-estrutura e poderio naval; e, sobretudo uma indústria diversificada, ativa e florescente conduzindo as forças produtivas nacionais” (1841, p. 101). Para ele, estas são as causas da riqueza e são mais importantes que a própria riqueza, e uma nação deve produzir poderes produtivos, e não “valores de troca”.

De maneira bem colocada para o debate atual, na Carta 2 consta a idéia de que as economias nacionais vivenciando processos de desenvolvimento bem-sucedidos – e não as nações que seguem as “regras” estabelecidas pelo pensamento dominante – atraem população, capital e tecnologias produtivas estrangeiras, buscando obter ganhos, e que estas nações devem saber tirar proveito permanente disso.

Nos Estados Unidos, List se envolveu diretamente em grandes projetos e pôde entender a importância dos sistemas de transportes ligando todo o país, para o desenvolvimento das forças produtivas e eficiência do sistema nacional, o que fez com que ele partisse para a Europa lutando por um sistema férreo nacional ligando toda a Alemanha, e prevendo ainda a ligação de toda Europa à Ásia. Em 1833, quando List enfim foi aceito como cônsul dos Estados Unidos em Leipzig, após ter sido recusado em 1830 pelo governo alemão que o via como elemento perigoso devido às suas idéias revolucionárias, começa a promover o sistema ferroviário alemão, e chega a elaborar um anteprojeto que originou a concepção que nortearia a sua efetiva construção duas décadas depois, com recursos muito além do que havia imaginado.

Enfim, é preciso ressaltar que List combinou um estilo panfletário e objetivo com densidade intelectual e científica e compreensão ampla da realidade e do objeto de estudo da Economia. List foi um pensador profético e revolucionário e um homem de ação, intervindo na realidade, cuja obra deve ser resgatada e ensinada nas escolas

de Economia. Seu pensamento é influente, atual e relevante para pensar o desenvolvimento em economias atrasadas (subdesenvolvidas), a dinâmica de poder e riqueza dentro das Nações e do sistema internacional, e os rumos e objetos de estudo da Economia como Ciência. A partir deste texto, esperamos despertar o interesse do leitor pela vida e obra deste autor fantástico.

8 A Carta 4 é chamada “Poderes Produtivos de uma Nação” e é dedicada ao tema. Na tradução em português de sua principal obra, já citada, o termo está traduzido como *forças produtivas*.

## Carta 1

### O equívoco fundamental na Teoria do Livre Comércio<sup>1</sup>

Reading, 10 de Julho de 1827

Prezado Senhor,

Sentindo-me honrado por suas solicitações, não teria hesitado um momento em atendê-las, se não tivesse sido impedido por uma doença temporária. Depois de ter me recuperado, apressei-me em comunicar-lhe os resultados de minhas reflexões sobre economia política, produzidas não apenas pelo estudo de muitos anos, mas também por um longo exercício prático na função de Conselheiro da Sociedade de Manufatureiros Germânicos, com o objetivo de obter um sistema de Economia Nacional Germânica.

Depois de ter examinado as diferentes palestras da Sociedade da Filadélfia para a Promoção da Indústria Nacional, os vários discursos proferidos no Congresso sobre este assunto, as edições do *Register* de Niles<sup>2</sup>, etc. etc. <sup>3</sup>, seria arrogante de minha parte tentar suprir temas práticos tão engenhosamente e astutamente ilustrados pelos primeiros políticos da nação. Limito meus esforços, por isso, unicamente à refutação

1 Nota do Editor: Estas cartas foram gentilmente cedidas pelo MSIA (Movimento de Solidariedade Ibero-Americana), que em breve publicará a tradução completa do livro que contém as doze cartas de 1827, *Outlines of American Political Economy*. Como as cartas foram tiradas do livro, seguimos os títulos das cartas contidos no livro. Vale ressaltar que esta tradução foi feita por Micheline Christophe para revista Oikos, e não necessariamente será seguida na edição do MSIA. Estas notas são extraídas do comentário elaborado em FLW, vol. II, p. 349-404 e traduzidas do alemão por George Gregory [NT: observação publicada na edição inglesa.]

2 Uma revista semanal que foi editada em Baltimore, de 1811 a 1849, cujo fundador, Hezekiah Niles, foi também o editor, até 1831. Ele era impressor, publicava e era editor-chefe e, junto com Matthew Carey, foi um dos mais zelosos defensores da política de tarifas protecionistas. Sua *Register*, que era amplamente distribuída e frequentemente citada na imprensa americana da época, noticiou em cada edição os eventos da controvérsia sobre as tarifas protecionistas. List citava regularmente em resumo novos itens no Reading Adler, e ele bem pode ter tido o modelo do *Register* em mente quando mais tarde fundou uma série de revistas.

3 Analogamente, mas de forma mais abrangente na carta que acompanhou o "*Mitteilungen aus Nordamerika*" enviada a Ernst Weber em Gera, em 8 de setembro de 1828, List escreve: "Como quis meu destino que eu (induzido por uma convocação da American Society for the Promotion of Manufactures) participasse de uma discussão (sobre uma lei de tarifas protecionistas), li tudo que existe sobre este assunto, por interesse profissional, como foi..."

da teoria de Adam Smith e Cia.<sup>4</sup> cujos erros fundamentais não foram ainda tão claramente compreendidos quanto deveriam.

É esta teoria, senhor, que fornece aos opositores do Sistema Americano<sup>5</sup> os meios intelectuais para sua oposição. É a combinação dos *soi-disant* teóricos com aqueles que se acreditam interessados no *soi-disant* livre comércio que dá tanta força aparente ao partido de oposição. Vangloriando-se de sua superioridade imaginária na ciência e no conhecimento, estes discípulos de Smith e Say<sup>6</sup> estão tratando cada defensor do senso comum como um empirista cujo poder mental e aquisições literárias não são fortes o suficiente para entender a sublime doutrina de seus mestres.

Infelizmente, os fundadores desta perigosa doutrina eram homens de grandes mentes, cujos talentos lhes permitiram dar aos seus castelos de vento uma aparência de construções fortes e com fundações sólidas. As verdades importantes que trouxeram à luz foram a causa infeliz que deu a todo o seu sistema o crédito de uma doutrina muito elevada para ser questionada pelas futuras gerações. Esta doutrina, senhor, foi adotada pela maior parte daqueles que fizeram da política seu campo particular de estudo, e que, depois de ter admirado a doutrina por dez ou doze anos, acharam difícil despojar-se dela. Requer-se uma mente com perfeita independência para reconhecer que demos crédito total por longo tempo a um sistema equivocado, particularmente quando este sistema defende interesses privados<sup>7</sup>.

Como conseqüência desta exposição, acredito que seja um dever da Convenção Geral de Harrisburg<sup>8</sup> não somente apoiar os interesses dos produtores de lã e dos ma-

4 Com esta expressão, List se refere, particularmente, a Adam Smith, J.B.Say e Thomas Cooper [NT: no original, Adam Smith and Co.].

5 Este foi o nome dado, na época, por seus defensores, ao sistema de tarifas protecionistas. A expressão foi cunhada por analogia ao "Antigo Sistema Colonial" e em oposição ao "Sistema Britânico" e ao "livre comércio".

6 Jean Baptiste Say (1767-1832), economista político francês.

7 A referência é aos fazendeiros sulistas de algodão, aos importadores de Nova Inglaterra e aos interesses da marinha mercante.

8 A "*General Convention of Agriculturalists and Manufacturers, and others friendly to the encouragement and support of the Domestic Industry of the United States*", em geral conhecida como a "Convenção de Harrisburg", reuniu-se de 30 de julho a 3 de agosto de 1827, em Harrisburg, Pensilvânia. A Pennsylvania Society foi a promotora desta primeira reunião de massa na América, para promover a política de tarifas protecionistas. Os fazendeiros e manufatureiros de lã da Pensilvânia e da Nova Inglaterra formaram o núcleo deste movimento. O objetivo de todo o movimento era organizar o apoio para a nova legislação tarifária protecionista a ser apresentada na nova sessão do Congresso, em lugar do chamado "*Mallory Woollen Bill*", que tinha sido derrotado no Senado, pouco antes, quando o vice-presidente votou contra a legislação. Houve 95 delegados na Assembléia Geral de Harrisburg, entre os quais C.J.Ingersoll, H.Niles, M.Carey e Redwood Fisher. Ingersoll foi o presidente de uma comissão para redação de um memorando ao Congresso, e Niles presidiu uma comissão que redigiu um comunicado ao povo americano. Este último polemizou repetidamente contra o Dr. Cooper.

O nome de List não se encontra na lista de participantes oficiais, mas fica claro numa carta de Ingersoll para List, de 24 de julho, que List planejou participar da reunião da Convenção de Harrisburg e que ele colaborou, como conselheiro de Ingersoll, na redação do comunicado que Ingersoll assinou.

nufatureiros, mas de cravar o machado na base da árvore, declarando estar errado o sistema de Adam Smith e Cia. – declarando guerra contra ele em nome do Sistema Americano – convidando eruditos a desvelar seus erros e preparar conferências populares sobre o Sistema Americano – e, por último, solicitando aos governos dos diferentes estados, bem como ao governo geral, que apóie a pesquisa sobre o Sistema Americano nas diferentes faculdades, universidades e instituições eruditas sob seus auspícios<sup>9</sup>.

O último trabalho do Sr. Cooper<sup>10</sup> mostra muito claramente a necessidade de tais medidas por parte dos defensores do Sistema Americano. Segundo este trabalho (uma mera compilação), você e eu, bem como todos os cavalheiros da Convenção, e todos os partidários do Sistema Americano, não são nada mais que idiotas; porque é “*ignorância* apoiar uma indústria por obrigação, quando os produtos podem ser fornecidos mais baratos pelo comércio exterior”, – “*ignorância* se um Governo defende e protege a indústria dos indivíduos”, etc, etc. (Ver p. 195<sup>11</sup>, onde se encontram onze *ignorâncias* registradas que o senhor torna aplicáveis a si próprio ao ir para Harrisburg). Isso, senhor, é agora o único trabalho elementar onde nossa juventude e nosso povo podem aprender o princípio do que é intitulada economia política. Que fruto se pode esperar de tal semente?

E se os partidários do Sistema Americano se convencerem da superioridade de sua doutrina, não será sua obrigação de seguir em teoria tanto quanto na prática? Não deveriam eles prover o povo, e especialmente a juventude de seu país, de trabalhos elementares e professores especializados<sup>12</sup> que expliquem os princípios de economia política de acordo com seu próprio sistema, que, em última análise, deveria prevalecer na mesma proporção em que a legislatura nacional se convence de sua adequação?

9 Durante sua temporada na América, List várias vezes tentou obter um cargo numa instituição de ensino superior, como professor de economia política. Nesta intenção, Lafayette fez diversos pedidos ao Governador Schulze da Pensilvânia e a outros.

10 Thomas Cooper (1759-1839) nasceu em Londres e estudou Direito e Medicina em Oxford. Durante a Revolução Francesa, com James Watt, Jr., foi representante da Manchester Constitutional Society junto aos Jacobinos em Paris. Ele simpatizava com os Girondinos e entrou em conflito com Burke devido aos seus sentimentos republicanos. Com seu amigo, Joseph Priestly, emigrou para a América em 1795, onde foi preso em 1800, devido a ataques publicados contra o Presidente John Adams. A vitória dos anti-Federalistas lhe permitiu obter um cargo de juiz na Pensilvânia; tornou-se então professor de química no Dickinson College e, em 1816, professor de Mineralogia e Química na Universidade da Pensilvânia. Desde 1819, foi Professor de Química e Economia Política no South Carolina College, em Columbia, Carolina do Sul, e, em 1820, tornou-se presidente desta instituição. Cooper era considerado o mais proeminente defensor da Doutrina dos Direitos dos Estados e do livre comércio.

11 Na página 195 das *Lectures* de Cooper, ele diz: “De maneira geral, parece que a noção de proteger os novos estabelecimentos com a taxação destes que são compelidos a comprar o artigo provém da ignorância”. Em seguida, na página seguinte, 196, Cooper lista onze “ignorâncias”.

12 Com esta e outras afirmações similares, List aparentemente esperava preparar o caminho para expandir sua eficiente atividade prática.

Lembro de uma história de um médico, que, descobrindo que seu paciente consultava uma obra médica sobre sua doença, admoestou-o de que tomasse cuidado para não morrer de um erro de impressão. Portanto, senhor, eu admoestaria o povo destes Estados Unidos que confiam neste famoso sistema de Smith de que tome cuidado para não morrer de um belo ideal. Na verdade, senhor, soaria quase como sarcasmo, se em épocas posteriores, um historiador recordasse o declínio deste país nos seguintes termos:

“Eram um grande povo, eles estavam em todos os sentidos prestes a se tornar o primeiro povo da terra; mas tornaram-se fracos e morreram, confiando na infalibilidade – não de um Papa nem de um Rei – mas de dois livros<sup>13</sup> importados no país, um escrito por um escocês, o outro por um francês – livros cujo fracasso geral foi reconhecido pouco depois por qualquer indivíduo”.

Assim como a idéia de denunciar, em nome de uma comunidade esclarecida, que a teoria de economia política é inútil se esta denúncia não puder ser sustentada por evidências suficientes de seu fracasso, sinto-me no dever de submeter ao exame de sua mente superior os pontos de vista seguintes. No pequeno espaço de tempo e condições para minhas mensagens, só foi possível uma aproximação dos temas da ciência.

Em conseqüência de minhas pesquisas<sup>14</sup>, descobri que as partes que compõem a economia política são: 1. A economia individual; 2. A economia nacional; 3. A economia da humanidade.

A. Smith trata da economia individual e da economia da humanidade. Ele ensina como um indivíduo cria, aumenta e consome riqueza em sociedade com outros indivíduos, e como a indústria e a riqueza da humanidade influenciam a indústria e a riqueza do indivíduo. Ele esqueceu completamente do que o título de seu livro “*A Riqueza das Nações*” prometeu tratar. Ao não levar em consideração os diferentes estados de poder, constituição, desejos e cultura das diversas nações, seu livro é uma mera investigação sobre a pergunta: como a economia dos indivíduos e das nações

13 A referência aqui é a *An Inquiry into the Nature and Causes of Wealth of Nations*, de Adam Smith, e ao *Traité d'économie politique*, de J.B.Says. Uma edição americana da obra de Smith foi publicada na Filadélfia em 1879, em três volumes. O trabalho de Say foi publicado em uma edição americana em 1821: *Treatise on Political Economy or the Production, Distribution, and Consumption of Wealth*.

14 Durante sua estada em sua fazenda perto de Harrisburg, 1825-1826, List dedicou-se ao estudo de economia política. No esboço de uma carta a Von Wangenheim, em seu diário, (original alemão em FLW, Vol. II, página 258), ele diz, entre outras coisas: “Estou levando a vida de um fazendeiro americano aqui e, em meu tempo livre, estou coletando material para um livro, que deverá conter todas as novidades e o que vale a pena saber sobre o mundo ocidental... É uma de minhas idéias favoritas usar o que aprendi em minhas viagens à França e à Inglaterra, mas especialmente à América do Norte, esta escola superior de economia política e de vida política, para o bem de minha pátria”.

ficaria se a raça humana não estivesse separada em nações, mas unida por uma lei geral e por uma mesma cultura mental? Ele trata esta questão de forma bastante lógica; e a partir desta suposição, seu livro contém grandes verdades.

Se todo o globo terrestre estivesse ligado por uma união semelhante aos 24 Estados da América do Norte<sup>15</sup>, o livre comércio seria realmente bastante natural e benéfico como é atualmente nos Estados Unidos. Não haveria razão para separar o interesse de um certo espaço de terra e um certo número de seres humanos do interesse de todo o globo e de toda a raça. Não haveria interesse nacional nem lei nacional contrários à liberdade de toda a raça, nem restrição, nem guerra. Tudo fluiria em seu curso natural. O capital e as habilidades inglesas, se superabundantes naquela ilha, transbordariam para as margens do Sena e do Elba, do Reno e do Tejo; teriam fertilizado as florestas da Boêmia e da Polônia muito antes de fluir para as margens do Ganges e do St. Lawrence, e por toda parte levariam consigo liberdade e lei. Um inglês emigraria para a Galícia ou a Hungria tão rapidamente quanto hoje um homem de Nova Jersey emigra para o Missouri e o Arkansas. Nenhuma nação precisaria temer por sua independência, poder e riqueza por causa das ações de outras nações.

Este estado de coisas pode ser muito desejável – pode ser caro ao coração de um filósofo desejá-lo – pode até fazer parte do grande plano da Providência realizá-lo em futuras eras. Mas, senhor, não é o estado do mundo real. O sistema de Adam Smith, nas condições do mundo atual, combina, pois, com os sonhos do bom Abade St. Pierre<sup>16</sup>, de paz universal, e com os sistemas daqueles que concebem leis nacionais. Eu mesmo acredito, de fato, que seja um postulado da razão que as nações deveriam resolver suas diferenças pela lei, como fazem os Estados Unidos agora entre si. A guerra nada mais é que um duelo entre nações, e as restrições ao livre comércio nada mais são que uma guerra entre os poderes da indústria de diferentes nações. Mas o que o senhor pensaria, senhor, de um Secretário da Guerra que, adotando a doutrina dos Amigos<sup>17</sup>, se recusasse a construir fortalezas e a abastecer as academias militares com homens de guerra, porque a humanidade seria mais feliz se não existisse guerra na face da terra? E, todavia, senhor, a conduta deste secretário de guerra seria tão sábia

quanto a conduta desses que, adotando o sistema de Adam Smith em sua imperfeição atual, colocam seus interesses nacionais sob direção de nações estrangeiras e leis estrangeiras, porque, em um estado mais perfeito mas inteiramente imaginário da raça humana, o livre comércio seria benéfico para a humanidade.

Apesar disso, não sou de opinião, senhor, que o sistema de Adam Smith, do ponto de vista científico, seja desprovido de seus méritos. Ao contrário, creio que os princípios fundamentais da ciência só poderiam ser descobertos por seus pesquisadores da economia dos indivíduos e da humanidade. Seu erro consiste em não acrescentar a estes princípios gerais as modificações causadas pelo fracionamento da raça humana em corpos nacionais e em não adicionar exceções às regras ou membros médios às extremidades.

A economia dos indivíduos e a economia da humanidade, como tratadas por Adam Smith, ensinam de que maneira um indivíduo cria, aumenta e consome riqueza em sociedade com outros indivíduos e como a indústria e a riqueza da humanidade influenciam a indústria e a riqueza dos indivíduos. A *Economia Nacional* ensina por que meios uma determinada nação, em sua situação particular, pode dirigir e regular a economia dos indivíduos e restringir a economia da humanidade, seja para impedir restrições estrangeiras e poder estrangeiro, ou para aumentar os poderes produtivos em seu próprio interior – ou, em outras palavras: como criar, na falta de um estado de direito, em todo o globo terrestre, um mundo em si mesmo, para crescer em poder e riqueza, para ser uma das mais poderosas, ricas e perfeitas nações da terra, sem restringir a economia dos indivíduos e a economia da humanidade mais do que o bem-estar dos povos permite.

Em minha próxima carta insistirei mais neste assunto. Por agora, só resta espaço bastante para solicitar sua indulgência devido à minha inabilidade em me expressar corretamente e elegantemente no idioma desse país.

Muito respeitosamente, seu mais humilde servidor,

Fr. List

15 Os estados que pertenciam à União da América do Norte nesta época eram: Delaware, Pensilvânia, Nova Jersey, Geórgia, Connecticut, Massachussets, Maryland, Carolina do Sul, New Hampshire, Virgínia, Carolina do Norte, Rhode Island, Vermont, Kentucky, Tennessee, Ohio, Louisiana, Indiana, Mississippi, Illinois, Alabama, Maine e Missouri. Durante sua visita à América, List viajou para os seguintes estados: Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Delaware, Maryland, Virgínia e o Distrito de Columbia.

16 Charles Irénée Castel, Abade de Saint Pierre (1658-1743), escritor, utópico e filantropo, autor de *Project de Paix Perpétuelle*, Utrecht, 1713, em três volumes.

17 List publicou um ensaio sobre os Quakers no *Reading Adler* em 17 de abril de 1827.



## Carta 2

### As diferenças entre o Sistema Britânico e o Sistema Americano

Reading, 12 de Julho de 1827

Prezado Senhor,

Assim que os três componentes da economia política se revelam, a ciência vem à luz e os erros da antiga teoria ficam claros.

O objeto da economia individual é meramente obter as necessidades e confortos da vida. O objeto da economia da humanidade, ou, para expressar mais adequadamente, da *economia cosmopolítica*, é assegurar a toda raça humana a maior quantidade de necessidades e confortos da vida. Um indivíduo que viva na Pensilvânia, considerado somente como parte da humanidade, não tem interesse especial de que a riqueza e os poderes produtivos<sup>1</sup> aumentem em Vermont ou no Maine de preferência à Inglaterra. Se acontecer deste indivíduo ser o agente de uma manufatura estrangeira, ele poderá até ser prejudicado em seu modo de vida pelo crescimento da indústria de seus vizinhos próximos. A humanidade também não está interessada em que rincão da terra ou povo se destacam na indústria; ela é beneficiada por todo crescimento de indústria, e as restrições são tão prejudiciais à humanidade como um todo quanto as restrições à liberdade de intercâmbio entre os vinte e quatro Estados Unidos seriam danosas à riqueza e aos poderes produtivos desta nação. A idéia de *poder* não é aplicável nem ao indivíduo nem a toda a raça humana. Se o globo inteiro fosse unido por uma lei geral, não deveria ter qualquer consequência para um povo em particular, em relação à sua liberdade e sua independência, se ele fosse forte ou fraco em população, poder e riqueza; como não há consequência agora para o Estado de Delaware, em relação à sua liberdade e independência, que sua riqueza, população e território sejam dez vezes suplantados por seu vizinho, o Estado da Pensilvânia.

Isto, senhor, é a teoria de Adam Smith e de seu discípulo, Dr. Cooper. Apenas em relação às duas extremidades da ciência, eles estão certos. Mas sua teoria não supre a paz nem a guerra; nem países particulares nem povos particulares; eles não reconhecem de nenhuma forma o fracionamento da raça humana em nações. Neste sentido, o Sr. Say<sup>2</sup> censura o governo deste país por ter utilizado navios franceses para carregar suprimentos militares franceses da Rússia para a França, enquanto os holandeses teriam feito este trabalho por 15 francos a menos por tonelada.

O benefício decorrente destes carregamentos para nossa marinha, acrescenta, não dizem respeito à *economia*, referem-se à *política*<sup>3</sup> E como os discípulos geralmente têm o hábito de suplantar seus mestres em declarações ousadas, alguns membros de nosso Congresso<sup>4</sup> declararam muito seriamente que seria melhor importar pólvora da Inglaterra, se ela pudesse ser comprada mais barato que a que se fabrica aqui. Fico pensando por que eles não propuseram queimar nossos homens de guerra, porque seria uma economia melhor se se contratasse em tempos de guerra navios e marinheiros na Inglaterra. No mesmo sentido, nosso campeão anglo-americano da antiga teoria, Sr. Cooper, profere, em sua palestra sobre economia política, a notável frase: "A política, deve-se lembrar, não é essencialmente uma parte da economia política" (Ver página 15<sup>5</sup>). O que Dr. Cooper, o químico<sup>6</sup>, diria se eu ousasse dizer "que a química, deve-se lembrar, não é essencialmente uma parte da tecnologia química"?

Na verdade, esses adeptos da teoria de Scot estão tão errados que, apesar do próprio nome que escolheram dar à sua ciência, eles nos farão acreditar que não há nada

2 Compare-se Say, *Traité*, vol. I, p. 88: "O transporte de cânhamo de Riga a Le Havre, diz-se, custa a um navegador holandês 35 francos por tonelada. Ninguém poderia transportá-lo tão economicamente... Suponho, no entanto, que o governo francês, desejando ajudar os proprietários de navios de sua nação, utilizaria de preferência navios franceses em que o mesmo transporte custará 50 francos e que será cobrado a 55 francos, para manter o mesmo lucro. Qual será o resultado? O governo terá gasto 15 francos a mais por tonelada. Não há necessidade de alertar aqui que até agora só considerei a indústria de transporte marítimo em relação à riqueza pública; ela tem relação com a segurança."

3 Compare-se Say, *Traité*, Vol. I, 9, página 89. "resultou que considerações militares e políticas sempre foram confundidas com as visões industriais e comerciais em relação à navegação."

4 O congressista J. Calhoun, de South Carolina, disse em um discurso sobre tarifas em 16 de abril de 1816: "Por outro lado, os mais zelosos defensores reconheceram que nenhum país deve depender de outro para seus meios de defesa, que pelo menos nossos mosquetes e baionetas ou canhões e suas balas devem ser produzidos domesticamente".

5 Compare-se a Thomas Cooper, *Lectures*, Prefácio, página 15: "Política é o nome desta ciência, que desenvolve as instituições melhor calculadas para a defesa e proteção nacional, e para o estabelecimento e manutenção da ordem social dentro da comunidade; e ela analisa os poderes que se necessita conceder e os freios e limites que precisam ser aplicados a cada ramo do aparato do governo, para produzir com o menor desfalque da liberdade pessoal e ao menor custo, o maior grau de segurança para as pessoas e propriedades dos cidadãos que compõem a nação. O objetivo legítimo da política é o maior bem para o maior número".

6 Thomas Cooper foi Professor de Química e Economia Política no Columbia College, em Columbia, Carolina do Sul.

1 Esta é a primeira vez em que esta noção aparece nos escritos americanos de List. Em seu discurso na Filadélfia, List disse que este conceito era "um desses princípios reformadores que enfatizei em meu artigo, sendo novo para mim".

de política na economia política. Se sua ciência é apropriadamente denominada *economia política*, deve haver em partes iguais tanto *política* quanto *economia*, e se não há *política* dentro dela, a ciência não recebeu o nome adequado; não é então nada mais que *economia*. A verdade é que o nome está certo, expressando a própria coisa de que estes cavalheiros pretendem tratar; mas a coisa de que tratam não está em consonância com o nome. Eles não tratam de economia *política*, mas de economia *cosmopolítica*.

Para completar a ciência, devemos acrescentar os princípios de economia nacional. A idéia de uma economia nacional nasce com a idéia de nações. Uma nação é o meio entre indivíduos e a humanidade, uma sociedade separada de indivíduos que, possuindo um governo comum, leis, direitos, interesses comuns, história e glória comuns, defesa comum e garantia de seus direitos, riquezas e vidas, constituem um corpo, livre e independente, que segue somente os ditames de seus interesses, em relação a outros corpos independentes, e que possui poder para regular os interesses dos indivíduos que constituem este corpo, com o objetivo de criar a maior quantidade de bem-estar comum em seu interior e a maior quantidade de segurança em relação a outras nações.

O objeto da economia deste corpo é não somente a riqueza como na economia individual e cosmopolítica, mas o poder e a riqueza, porque a riqueza nacional é aumentada e assegurada pelo poder nacional, como o poder nacional é aumentado e garantido pela riqueza nacional. Seus princípios norteadores são, pois, não somente econômicos mas também políticos. Os indivíduos podem ser muito ricos; mas se a nação não possui poder para protegê-los, ela e eles podem perder em um dia a riqueza que acumularam por eras, e seus direitos, liberdade e independência também.

Do ponto de vista meramente econômico, pode ser completamente indiferente para a Pensilvânia se o fabricante que lhe dá tecido em troca de seu trigo vive na Velha Inglaterra ou na Nova Inglaterra; mas, em tempos de guerra e restrição, ele pode não mandar trigo para a Inglaterra nem importar tecido de lá, enquanto a troca com a Nova Inglaterra seria para sempre imperturbável. Se o fabricante se tornar rico com esta troca, o habitante da Velha Inglaterra aumenta o poder de seu inimigo em tempos de guerra, enquanto o fabricante da Nova Inglaterra aumenta a defesa de sua nação. Em tempos de paz, o fazendeiro da Pensilvânia pode agir certo ao comprar armas e pólvora inglesas para brincar de atirar; mas em tempos de guerra o inglês não lhe fornecerá os meios para que o mate.

Como o poder garante a riqueza, e a riqueza aumenta o poder, então o poder e a riqueza, em partes iguais, são beneficiados pelo estado harmonioso da agricultura, do

comércio e das manufaturas dentro dos limites do país.<sup>7</sup> Na ausência desta harmonia, a nação nunca é poderosa e rica. Um estado simplesmente agrícola é dependente, para seu mercado tanto quanto para seu abastecimento, das leis estrangeiras, da boa vontade ou inimizade estrangeira. Além disso, as manufaturas são as fomentadoras das artes, das ciências e das habilidades, as fontes de poder e riqueza. Um povo meramente agrícola permanece sempre pobre (afirma o próprio Say<sup>8</sup>); e um povo pobre, que não tem muito o que vender, e menos com o que comprar, nunca pode possuir um comércio florescente, porque o comércio consiste em comprar e vender.

Ninguém pode negar estas verdades. Mas questiona-se, senhor, se o governo tem o direito de restringir a indústria individual para harmonizar as três partes componentes da indústria nacional e, em segundo lugar, questiona-se se o governo faz bem ou tem o poder de produzir esta harmonia por meio de leis e restrições.

O governo, senhor, não apenas tem o direito, mas tem a obrigação, de promover tudo o que possa aumentar a riqueza e o poder de uma nação, se este objeto não pode ser realizado por indivíduos. Assim, é seu dever proteger o comércio com uma armada, porque os mercadores não podem se proteger; assim, é seu dever proteger o negócio de transporte de mercadorias por leis de navegação, porque o negócio de transporte de mercadorias financia o poder naval, na medida em que o poder naval protege o negócio de transporte de mercadorias; assim, os interesses e o comércio da marinha mercante devem ser defendidos por quebra-mares – os da agricultura e de qualquer outra indústria por estradas, pontes, canais e estradas de ferro – as novas invenções por leis de

7 Esta idéia aparece com frequência nos debates da época sobre tarifas. Compare-se o discurso do congressista J.C. Calhoun, em 16 de abril de 1816, com o discurso de Alexander Hamilton, *Report on Manufactures*, página 134: "Todavia, não é uma máxima, bem estabelecida pela experiência e geralmente reconhecida, que a prosperidade agregada das manufaturas e a prosperidade agregada da agricultura sejam intimamente ligadas". Sobre o conceito de equilíbrio, confira também Daniel Raymond, *The Elements of Political Economy in Two Parts*, Vol. I, página 216: "Experiências universais provam que as duas espécies de trabalho (agrícola e manufatureiro) são uma mútua vantagem, e as nações mais florescentes e prósperas são aquelas onde um meio termo adequado é preservado entre eles", e página 218: "Tal é a comunidade mais bem regulada, onde a agricultura e as manufaturas suportam uma proporção devida a cada uma e quando uma predomina em grau muito elevado, como em geral acontece, torna-se dever do governo interpor-se e restaurar o equilíbrio, encorajando e protegendo a outra". De modo análogo, Mathew Carey escreveu no *The New Olive Branch, or an attempt to establish an identity of interest between Agriculture, Manufactures and Commerce*, 2ª ed., Filadélfia, 1821. [Nota do Editor Oikos: Mais do que uma noção de equilíbrio entre as atividades, os argumentos de List revelam sua noção da importância de olhar a economia de forma sistêmica, como um sistema nacional, com interações sinérgicas entre as atividades – agricultura, indústria e comércio –, e não olhando para as atividades de forma separada. List critica a Teoria de Livre Comércio de Smith por olhar as atividades econômicas de forma separada, e a chama de *teoria do valor de troca*, diferente de sua *teoria das forças produtivas*. Isto fica muito claro nas suas cartas subseqüentes, assim como na sua principal obra *Sistema Nacional de Economia Política* de 1841. List certamente herdou esta noção sistêmica de autores anteriores que o influenciaram, como: Antonio Serra, James Steuart, Adam Muller e Alexander Hamilton.]

8 Compare-se *Traité*, Vol.II, XI, página 207: "Um cantão no qual a agricultura não tem aberturas só pode alimentar o menor número de habitantes; e mesmo então, estes habitantes só experimentarão uma existência tosca, sem o menor prazer ou elegância. São apenas meio-civilizados".

patente – portanto as manufaturas devem ser criadas por obrigações de proteção, se o capital estrangeiro e as habilidades impedem os indivíduos de assegurá-las.

Em relação à conveniência de medidas protetoras, observei que depende inteiramente da condição de uma nação se elas são eficazes ou não. As nações são tão diferentes em suas condições quanto o são os indivíduos. Há gigantes e anões, homens jovens e velhos, aleijados e pessoas bem-feitas; alguns são supersticiosos, estúpidos, indolentes, não instruídos, bárbaros; outros são esclarecidos, ativos, empreendedores e civilizados; alguns são escravos, outros são semi-escravos, outros são livres e auto-governados; algumas nações predominam sobre outras, algumas são independentes, e algumas vivem mais ou menos em um estado de dependência. O quanto os homens podem aplicar leis gerais a estes diferentes corpos, não posso conceber. Considero que fazer isso não é mais sábio que um médico que prescreve para uma criança e um gigante, para um velho e um jovem, em todos os casos, a mesma dieta e o mesmo remédio.

Impostos protecionistas na Espanha privariam a nação espanhola da indústria insignificante que ela ainda mantém. – Sem ter armada, como ela poderia sustentar tais medidas? Um povo estúpido, indolente e supersticioso nunca pode tirar qualquer vantagem de tais medidas, e nenhum estrangeiro de mente sadia submeteria seu capital e sua vida a um poder absoluto brutal. Um governo assim não pode fazer nada melhor que traduzir o trabalho do Dr. Cooper para convencer seu povo de que o *laissez-faire* e *laissez-passer* é a política mais sábia sobre a terra. O México e as repúblicas sulistas agiriam com igual insensatez ao adotar em sua atual situação o sistema manufatureiro; uma livre troca de suas matérias-primas e de seus metais preciosos por produção estrangeira é a melhor política para aumentar a indústria, e as mentes daquele povo, e para crescer próspero.

Certamente todos ririam se um autor aconselhasse os suíços a criar leis de navegação, os turcos a fazer leis de patentes, as cidades hanseáticas a criar uma marinha e os hotentotes ou indianos a construir estradas de ferro. Mesmo estes Estados Unidos, depois de terem acabado de passar de uma colônia a uma nação independente, fizeram bem em permanecer por um tempo em vassalagem econômica. Mas depois de terem adquirido a força de um homem, seria absurdo agirem como criança, como dizem as escrituras: quando eu era criança, agia como criança, mas quando me tornei homem, agi como homem.<sup>9</sup>

A condição desta nação não pode ser comparada à de nenhuma outra nação. O mesmo tipo de governo e a mesma estrutura de sociedade nunca foram vistos antes; nem tal distribuição geral e igualitária de propriedade, de instrução, de indústria, de poder e riqueza; nem semelhantes dons da natureza, conferindo a este povo riquezas naturais e vantagens do norte, do sul e do clima temperado, todas as vantagens de um vasto litoral e de um imenso continente desabitado, e todas as atividades e o vigor da juventude e da liberdade. Não existe povo, nem nunca existiu, que dobrasse seu número a cada vinte e cinco anos, dobrando o número de seus estados em cinquenta anos, destacando-se em tal grau em indústria, habilidade e poder, criando uma marinha em poucos anos e realizando em um tempo curto melhorias públicas que, em épocas passadas, teriam por si sós destacado uma nação para sempre.

Como a condição desta nação é ímpar, os efeitos de seus esforços para criar manufaturas serão ímpares; enquanto estados menores devem submeter-se à ascendência naval inglesa, os americanos podem levantar a cabeça e olhá-los direto na face. – Se um povo pobre, sem instrução, indolente e deprimido não pode levantar-se por seus próprios esforços, este povo livre, empreendedor, instruído, laborioso e rico pode. Se outro povo deve restringir sua ambição para viver em dependência tolerável e vassalagem econômica, esta nação faria injustiça ao chamado da natureza, se não buscasse a independência plena, se não aspirasse a um incomparável grau de poder para preservar seu incomparável grau de liberdade e de felicidade.<sup>10</sup> Mas um alto grau de poder e riqueza, uma independência plena, nunca podem ser adquiridos se a indústria manufatureira não estiver em harmonia com a agricultura e a indústria comercial. Os governos, por isso, não somente fariam bem em apoiar esta indústria, como fariam mal em não apoiá-la.

A economia nacional americana, devido às diferentes condições das nações, é completamente diferente da economia nacional inglesa. A economia nacional inglesa tem como objeto manufaturar para o mundo todo, monopolizar todo o poder manufatureiro, mesmo à custa da vida dos cidadãos, manter o mundo inteiro e especialmente suas colônias em um estado infantil e de vassalagem por meio de administração política bem como pela superioridade de seu capital, suas habilidades e sua marinha<sup>11</sup>. A economia americana tem como objeto harmonizar os três ramos da

10 Compare-se a Hamilton, *Report on Manufactures*, Filadélfia, 1827, página 46: "Não somente a riqueza, mas a independência e segurança de um país parecem ser materialmente ligadas à prosperidade das manufaturas".

11 Sobre os perigos da escravização das nações menos desenvolvidas sob a supremacia de poderes maiores: *Outlines*, Cartas 9 e 10.

9 Compare-se à Bíblia de St. James, primeira carta de São Paulo aos Coríntios 13,11: "Quando eu era criança, eu falava como criança, entendia como criança, pensava como criança: mas quando me tornei homem, livre-me das coisas infantis".

indústria, sem o que nenhuma indústria nacional pode atingir a perfeição. Tem como objeto suprir seus próprios desejos, com seus próprios materiais e sua própria indústria – para povoar um país desabitado – para atrair população estrangeira, capital estrangeiro e habilidades – para aumentar seu poder e seus meios de defesa, com o objetivo de garantir a independência e o futuro crescimento da nação. Por último, tem como objeto ser livre e independente e poderosa, e permitir que todos usufruam de liberdade, poder e riqueza como se lhes apraz.

A economia nacional inglesa é *predominante*; a economia nacional americana aspira apenas a ser *independente*. Como não há semelhança entre os dois sistemas, não há semelhança em suas conseqüências. O país não ficará mais super-estocado de artigos de lã do que está agora super-estocado de armários; os manufatureiros não gerarão marginais, porque cada trabalhador pode ganhar o suficiente para manter sua família honestamente; ninguém sofrerá ou passará fome devido ao trabalho, porque se o trabalhador não puder ganhar o suficiente para sustentar sua família, por outro lado pode cultivar a terra – ainda há espaço suficiente para que centenas de milhões se tornem fazendeiros independentes.

Depois de ter explicado o erro fundamental de Smith e Say ao confundir economia cosmopolítica com economia política, tentarei demonstrar em minha próxima carta por quais erros ambos estes aclamados autores foram induzidos a afirmar que a riqueza e a indústria de uma nação não podem crescer por restrição.

Muito respeitosamente, seu mais humilde e obediente servo,  
Fr. List